

O *Jornal Português* (1938-1951): veículo de propaganda cinematográfica de um país nas margens da guerra

Ricardo Braga

E-mail: ricardoferbraga@yahoo.com

Resumo

Este texto reflecte apenas uma parte da dissertação de Mestrado em Cultura e Comunicação intitulada *Propaganda e Representação de um País nas Margens da Guerra. O Jornal Português (1938-1951)*.

As linhas que se seguem centram-se na investigação realizada ao noticiário cinematográfico patrocinado pelo Secretariado da Propaganda Nacional, entre 1938 e 1951. 14 anos que apanharam a recta final da Guerra Civil de Espanha, toda a Segunda Guerra Mundial e o pós-guerra. Acontecimentos que marcaram a sociedade portuguesa e o regime autoritário que a governava.

Numa altura em que o Estado Novo temia pela sua sobrevivência, o conflito mundial era um importante desafio para o aparelho de propaganda do regime. O cinema, invento com pouco mais de trinta anos, exerceu um importante papel na política propagandística do Estado. A análise do *Jornal Português* permite compreender de que forma o regime transmitiu à população informações sobre guerra que destruiu a Europa. Procura-se conhecer que imagens são mostradas ou omitidas e que mensagens constituem o discurso do narrador.

Palavras-Chave:

Propaganda, neutralidade, autoritarismo, cinema

Abstract

This text reflects only a piece of the mastership dissertation in Culture and Communication entitled *Propaganda and Representation of a Country in the Borders of the War (1938-1951)*.

The lines that follow are part of an investigation carry out among the newsreels supported by Secretariado da Propaganda Nacional (propaganda authority created by Estado Novo) between 1938 and 1951. 14 years that catches the end of the Spanish Civil War, the Second World War and the post-war period.

In an era when Estado Novo was trying to surpass the complex political moment, the world conflict was an important challenge for the state propaganda. Technology with no more than 30 years, cinema played an important role in what concerns to propaganda activity.

The analysis of *Jornal Português* allows us to comprehend in witch way propaganda authorities tried to pass information about the war that was destroying Europe. This text tried to understand how images were shown or omitted and what messages compose the narrator's speech.

Keywords:

Propaganda, neutrality, authoritarianism, cinema

Inventado no final do século XIX, o cinema depressa se tornou numa arma de propaganda. Ao realismo das imagens juntava-se também a capacidade que aquele invento tinha de iludir as audiências.

Em Portugal, os anos 30 e 40 – período de consolidação tecnológica do cinema, nomeadamente com o aparecimento do som¹ – representam uma das etapas mais sensíveis e significativas da

¹ A *Severa* (1931), de Leitão de Barros, foi o primeiro filme sonoro português.

história contemporânea do país: por um lado, o desenvolvimento de um aparelho propagandístico estatal que servia os desejos manipuladores do regime autoritário e antidemocrático que dava os primeiros passos na sua consolidação política, económica e social; por outro, o eclodir de dois conflitos bélicos que, ainda que indirectamente, puseram em risco a soberania da nação e o regime que a controlava.

Com a criação do Secretariado da Propaganda Nacional (SPN), em 1933, que passaria a Secretariado Nacional da Informação (SNI), em 1944, o Estado Novo tinha um instrumento de manipulação, primordialmente destinado à opinião pública nacional, mas que não pretendia descurar a sua imagem externa. Como meio propagador da mensagem, o cinema despertou a atenção do Secretariado.

Produzido pela Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas (SPAC), o *Jornal Português* (1938-1951) foi o único noticiário cinematográfico (oficial) realizado em Portugal que atravessou dois períodos conflituosos da história mundial: 1936-1939 e 1939-1945, tornando-se num objecto de estudo privilegiado daqueles períodos históricos. Este texto centra-se essencialmente nas mensagens propagandísticas que o Estado Novo procurava transmitir através do *Jornal Português* quer antes, quer durante, quer depois do maior conflito bélico da história da humanidade.

Não tendo participado militarmente na Segunda Guerra Mundial, o Estado Novo exerceu uma importante actividade política e diplomática durante o conflito. Uma acção que é comprovada através do visionamento e da análise do *Jornal Português*.

A exibição do *Jornal Português* não era obrigatória, ao contrário do que acontecia com outros jornais de actualidades, como era o caso do seu congénere espanhol *NO-DO* (1943-1975).

O *Jornal Português* nunca manteve uma periodicidade certa como se exigiria a um noticiário cinematográfico de actualidades.

Esta inconstância está bem patente ao longo dos 14 anos de edição, num total de 95 números. Todavia, José de Matos-Cruz refere ainda a existência, em 1950, de um *Jornal Português* (Especial) – entre o nº 92 e o nº 93 – sobre o 2º Congresso Internacional das Capitais do Mundo².

Ano	Nº de edições do <i>Jornal Português</i>
1938	5
1939	7
1940	10
1941	7
1942	6
1943	6
1944	7
1945	6
1946	10
1947	7
1948	9
1949	8
1950	5
1951	2
Total	95

1940 e 1946 são os anos que registam o maior número de edições do *Jornal Português*. Em 1940, a revista de actualidades portuguesa ficou marcada pelas comemorações do Duplo Centenário, tendo produzido uma série especial dedicada àquela celebração. 1946 também foi ano de festejos com a comemoração do vigésimo aniversário da Revolução Nacional que, em 1926, tinha imposto a Ditadura Militar.

A análise dos conteúdos do *Jornal Português* permite encontrar referências ideológicas da propaganda salazarista. As 496³ notícias

² Este número Especial que Matos-Cruz classifica como documentário (d) não se encontra disponível nos arquivos do ANIM.

³ Este número diz apenas respeito às reportagens presentes nos arquivos do ANIM. Tendo em conta que alguns números do *Jornal Português* se encontram incompletos, é natural que este noticiário cinematográfico tenha produzido mais de 500 reportagens.

que este noticiário cinematográfico patrocinado pelo Estado produziu, entre 1938 e 1951, reflectem algumas das prioridades da propaganda oficial naquele período.

A análise de conteúdos também pode ser feita de uma forma quantitativa. Os 13 temas que compõem a tabela que se segue resultam, única e exclusivamente, da observação meticulosa do *Jornal Português*. A partir deste quadro é possível entender algumas das prioridades propagandísticas do regime, nomeadamente aquelas que foram alvo de referência no *Jornal Português*.

Categorias temáticas	Percentagem (%)
Actos e figuras do regime: comemorações, inaugurações, homenagens, manifestações	20,2
Organismos que apoiaram o Estado Novo: Legião Portuguesa, Mocidade Portuguesa, Forças Armadas, PSP, GNR, Bombeiros, SPN/SNI	15,4
Política Externa/Relações do regime com o exterior	12,8
Economia e Desenvolvimento Tecnológico	11,4
Factos Diversos	7,4
Cultura	7,2
Religião	6,6
O Pitoresco, Paisagens e Costumes Nacionais	6,2
Desporto	5,4
Educação/Ensino	3,4
Política Colonial	1,8
Saúde	1,2
O Pitoresco, Paisagens e Costumes Internacionais	1
Total	100

A Guerra e a Paz no *Jornal Português*

Com o eclodir da Guerra Civil de Espanha e da Segunda Guerra Mundial, o regime atravessou tempos de crise. A ruptura dos equilíbrios económicos, sociais e políticos construídos nos anos 30 pelo salazarismo, levou o Estado Novo a encarar seriamente o risco de ser derrubado.

O presidente do Conselho tinha visto na Espanha de Franco um aliado importante para manter o comunismo e o internacionalismo afastado das fronteiras do Império. O Estado Novo assumia “a sua posição política e moral contra o comunismo”⁴.

O próprio cinema era a imagem desta proximidade assumida internamente e recusada externamente. Na Europa, para além dos estúdios de Berlim, os sublevados recorriam também aos estúdios de Lisboa para produzirem os seus filmes de propaganda. Emeterio Diez Puertas recorda que o Secretariado da Propaganda Nacional introduziu imagens e comentários pró-franquistas em muitas das suas produções e lembra o documentário *Comícios Anti-Comunistas* (1936), o noticiário *Jornal Português*, ou até adaptações de documentários estrangeiros como *Visões da Guerra de Espanha*, *Imagens da Guerra de Espanha* ou *A Guerra Civil de Espanha*⁵.

Em Portugal, o cinema nacionalista espanhol recebeu a contribuição da Lisboa Filmes, que se relacionava com empresas alemãs, nomeadamente a Tobis portuguesa e a UFA. A Lisboa Filmes servia-se do seu laboratório para revelar, montar e sonorizar as imagens recebidas de Espanha⁶.

⁴ SALAZAR, 2002: 120. Nota oficiosa de 29 de Janeiro de 1937.

⁵ DIEZ PUERTAS, 2002: 305-306.

⁶ “CIFESA, por su parte, adquiere las imágenes que el operador José Nunes das Neves rueda sobre la muerte de Sanjurjo y su entierro en Estoril. Con ellas confecciona el documental El entierro del general Sanjurjo (1936). A continuación, la empresa envía a Portugal a Eduardo García Maroto para que en Lisboa Films se

Entre 1937 e 1938, chegou à Lisboa Filmes a maior parte do material filmado em Espanha pela indústria e pelas instituições franquistas. Todavia, como relata Puertas, “las deudas acumuladas por Falange e CIFESA, además del vuelco hacia Alemania promovido por el DNC (*Departamento Nacional de Cinematografía*)⁷, cierran esta colaboración”⁸.

Relações internacionais e diplomacia: a política de alianças

Em 1938, a primeira edição do *Jornal Português* reflectia a imagem de um País que pretendia relacionar-se da mesma maneira com todas as nações. Essa era, precisamente, a ideia que o regime queria transmitir.

Contudo, muitas das manifestações políticas internas aproximavam o Estado Novo dos países de matriz ideológica antidemocrática. O primeiro número do *Jornal Português* produzido e exibido em 1938 é disso exemplo. Na primeira reportagem intitulada *A visita do “Deutschland”*⁹ pode-se ouvir que aquela visita constituía uma apreciável manifestação de gentileza da Alemanha para com Portugal: “Visita afectuosa. Com ela se estreitaram, melhor, relações de boa amizade”¹⁰, diz o locutor. Todavia, e apesar de política e ideologicamente próximo de potências europeias em ascensão, como era o caso da Alemanha, o Estado Novo não descartava uma aliada de muitos anos. Uma outra nação que merecia igual cordialidade: a

ocupe del revelado, montaje y sincronización de las imágenes que sus operadores ruedan en España.” (DIEZ PUERTAS, 2002: 306)

⁷ Criado em 1938, só a 25 de Fevereiro de 1940 o DNC vê publicada a sua esfera de competência. (DIEZ PUERTAS, 2002: 278)

⁸ DIEZ PUERTAS, 2002: 306.

⁹ *Jornal Português* nº 1 (1938). A imagem de uma cruz suástica aparece na apresentação do título da peça.

¹⁰ *A visita do “Deutschland”* (*Jornal Português* nº 1).

Inglaterra. Na notícia *A visita oficial da "Home Fleet"*¹¹ escuta-se que os barcos de guerra, "neste caso de paz e de amizade", da "nossa velha aliada", traziam consigo "o penhor de um entendimento secular. Séculos de história em que ingleses e portugueses compartilharam das mesmas vicissitudes e das mesmas glórias."

Recebidos como amigos, a visita dos barcos ingleses tinha tido "uma importância de significado excepcional, político e diplomático"¹², segundo a narração do *Jornal Português*.

O padrão ideológico das instituições ligadas ao regime mostrava que o Estado Novo mantinha excelentes relações com os emergentes movimentos de extrema-direita que surgiam na Europa. As imagens da missa campal dos falangistas da Galiza e dos flechas de Badajoz e de Cáceres, que contou com a presença de representantes da Legião Portuguesa, da Mocidade Portuguesa e das juventudes alemãs e italianas, podem ser vistas em *Os Falangistas Espanhóis em Lisboa*¹³.

A única referência, ainda que indirecta, neste primeiro número do *Jornal Português* à Guerra Civil de Espanha tem como título *O XIV Portugal Espanha de Foot-Ball*¹⁴, onde se explica que os atletas espanhóis são excelentes, ágeis e decididos, embora não representem, "devido à guerra"¹⁵, toda a qualidade futebolística do país vizinho.

Esta proximidade tanto às democracias como aos regimes de extrema-direita continua a ser visível no *Jornal Português* nº 2. Por um lado, mostra-se a visita oficial da marinha de Mussolini ao governo português, através da notícia *A 8ª Divisão Naval Italiana em*

¹¹ *Jornal Português* nº 1 (1938) Sobre este tema o nº 1 do J. P. tem ainda outras duas reportagens: *O Sr. Ministro da Marinha foi recebido a bordo do "Nelson"* e *O Sr. Presidente da República também visitou o Navio-Almirante da "Home Fleet"*.

¹² *A visita oficial da "Home Fleet"* (*Jornal Português* nº 1).

¹³ *Jornal Português* nº 1 (1938).

¹⁴ *Jornal Português* nº 1 (1938).

¹⁵ *O XIV Portugal Espanha de Foot-Ball* (*Jornal Português* nº 1).

*Lisboa*¹⁶, e, por outro, põe-se em evidência a antiga aliança com a Inglaterra na reportagem *Missão Militar Inglesa*¹⁷.

Esta última notícia apresenta a recepção dada por Carmona à missão militar que veio estudar, com delegados do exército e da armada, portuguesa “toda uma série de problemas de interesse para os dois países, velhos amigos e velhos aliados”¹⁸.

A relação de interesses que ligava as duas nações, e que o *Jornal Português* fazia questão de salientar, está presente nas palavras do locutor: “Dos seus resultados esperam ingleses e portugueses benefício para o melhor estreitamento das relações entre os dois povos, que há muitos séculos estabeleceram laços de uma aliança política, e o que é ainda melhor, de uma boa amizade.”¹⁹

A questão inglesa era uma constante no *Jornal Português* nos últimos anos da Guerra Civil espanhola, nomeadamente no *Jornal Português* nº 4 e nº 6. Na locução de *A visita do Chefe do Estado às Províncias Portuguesas D’Além-Mar*²⁰ volta a surgir o pretexto para que se refira, uma vez mais, a presença de alguns membros da missão militar inglesa encarregada de discutir com a missão militar portuguesa “assuntos militares que interessam aos dois países”.

Dois números à frente, a reportagem *A entrega das Insígnias da Ordem do Banho ao Sr. Presidente da República*²¹ trata de um acontecimento que, segundo o narrador, “sublinhava, pela sua importância e pelo seu alto significado, a excelência das relações existentes entre os dois povos unidos por uma aliança que é a mais velha da história política da Europa e do Mundo”.

Toda esta cordialidade para com a Grã-Bretanha não surpreende, tanto mais que a velha aliada era uma parceira

¹⁶ *Jornal Português* nº 2 (1938).

¹⁷ *Jornal Português* nº 2 (1938).

¹⁸ *Missão Militar Inglesa* (*Jornal Português* nº 2).

¹⁹ *Missão Militar Inglesa* (*Jornal Português* nº 2).

²⁰ *Jornal Português* nº 4 (1938).

²¹ *Jornal Português* nº 6 (1939).

fundamental na economia portuguesa, fornecendo máquinas e combustíveis, e sendo, igualmente, um dos principais clientes em produtos de exportação como o vinho do Porto e a cortiça.

As relações com a vizinha Espanha nacionalista de Franco e a Itália fascista de Mussolini – afinal duas nações ideologicamente muito próximas do Estado Novo, que continuavam a dividir, com a Inglaterra, o espaço noticioso que o *Jornal Português* dedicava às relações políticas e militares do país com o exterior – voltam a estar patentes no *Jornal Português* nº 10, com as reportagens *Uma Esquadra Italiana nas Águas do Tejo*²² e *Visita dos Flechas Navais a Lisboa*²³. Esta última menciona na sua narração a “política de bom entendimento e de boa amizade estabelecida hoje entre os dois países peninsulares”²⁴. Apesar dessa amizade peninsular ter actuado sempre como um pilar da política externa do Estado Novo, o regime temeu sempre as tendências integracionistas da Falange.

Em 1938, a reportagem *Oswald Pirow em Lisboa*²⁵, incluída no *Jornal Português* nº 5, aproveitava a visita do ministro Sul-Africano a Portugal para referir que, por causa de algumas considerações tecidas pela imprensa estrangeira, o governo português via-se obrigado a desmentir que aquela visita se realizava devido a problemas com as colónias portuguesas em África.

O regime receava a abertura de uma nova frente de guerra internacional, que fizesse com que o património colonial viesse a ser alvo dos apetites e dos acordos secretos de partilha entre as grandes potências da época. Quer na propaganda oficial, quer na diplomacia, o Estado Novo não perdia nenhuma oportunidade para tocar em

²² *Jornal Português* nº 10 (1939).

²³ *Jornal Português* nº 10 (1939).

²⁴ *Visita dos Flechas Navais a Lisboa* (*Jornal Português* nº 10).

²⁵ *Jornal Português* nº 5 (1938). No ano seguinte, o general Carmona aproveitava para visitar a África do Sul, como vem referido no *Jornal Português* nº 10 (1939), através da notícia *A viagem do Chefe do Estado às terras portuguesas de África*.

assuntos como a soberania do país e o património que considerava sagrado.

Em 1938, com a realidade da guerra cada vez mais perto, tal era a deterioração da situação internacional, a paz portuguesa vivia momentos de insegurança e incerteza. Perante a inevitabilidade de um novo conflito, a reportagem *Visões da Guerra Química*²⁶, incluída no *Jornal Português* nº 5, lembra que as experiências e os estudos realizados permitiam garantir que “a nossa técnica fabril militar e a pirotecnia, especialmente, se encontram à altura das circunstâncias, isto é, integradas nos progressos da indústria da guerra química moderna”. Surgem, então, as primeiras e únicas imagens recebidas do exterior onde a sombra da guerra está presente, com a notícia *Chamberlain em Roma*²⁷. A reportagem enviada pela companhia italiana LUCE, sobre a presença do “grande homem de estado britânico”, como é qualificado pelo locutor, a ser recebido pelo *Duce*, mostra os dois líderes a cumprimentarem-se perante uma parada militar. Numa altura em que a dúvida assaltava as mentes dos europeus, a locução do *Jornal Português* deixa palavras de esperança e pacificação para o velho continente: “Esta viagem teve, como é notório, uma importância excepcional e, talvez, uma influência de grande peso nos destinos da paz e do mundo.”

Com a invasão alemã do território polaco e o despoletar da guerra no velho continente, o presidente do Conselho declara a neutralidade portuguesa. Era unânime para muitos observadores internacionais que o sistema de defesa português da altura era bastante limitado, sendo suficiente para manter a ordem interna, mas incapaz de sustentar um eventual ataque do exterior.

²⁶ *Jornal Português* nº 5 (1938).

²⁷ *Jornal Português* nº 6 (1939). Esta é a única reportagem em que Mussolini aparece no *Jornal Português*. Nos números visionados para esta investigação não aparece nenhuma imagem de Hitler.

Elsa Santos Alípio admite que o Governo português seguiu recomendações britânicas para não entrar na guerra, evocando a aliança com a Grã-Bretanha como uma das razões para se manter neutral. “Ao fazê-lo, Salazar mostrava estar consciente de que as Forças Armadas portuguesas estavam longe de reunir as condições para poderem participar no conflito e, por outro lado, tinha ainda presente, o exemplo desastroso da participação de Portugal na I Guerra Mundial”, conclui esta autora²⁸.

Já com a Segunda Guerra Mundial como uma inevitabilidade, o *Jornal Português* mantém a sua filosofia editorial de apenas se preocupar com o que é português e com o que se passa em Portugal. Uma opção que segue o que Salazar tinha estipulado para o Secretariado da Propaganda Nacional quando este foi criado, ao considerar que o SPN se devia preocupar primordialmente com o que era nacional.

As referências ao conflito que assolava a Europa faziam-se invariavelmente através de reportagens filmadas em Portugal, quase sempre em Lisboa.

Com a Europa em guerra, a neutralidade portuguesa, para além de assegurar a sobrevivência do Estado Novo, tornava o País numa porta de entrada segura para o velho continente. “Desde que a guerra tornou inseguros os demais portos europeus, Lisboa ganhou foros de grande encruzilhada mundial. Por mar, terra e ar”, refere o locutor da reportagem *Wendie Wilkie*²⁹, incluída no *Jornal Português* nº 25, e lançada sob o título genérico de *Lisboa Porta da Europa e os que a Visitam*³⁰.

As características da neutralidade portuguesa permitiam a Salazar servir os interesses contraditórios dos beligerantes e, ao

²⁸ ALÍPIO, 2001: 28.

²⁹ *Jornal Português* nº 25 (1941).

³⁰ *Jornal Português* nº 25 (1941). Fazem parte desta notícia outras três reportagens, nomeadamente, *Lawrence Olivier e Vivien Leigh*, *García Viñolas*, *Josephine Baker*.

mesmo tempo, as suas próprias conveniências. O ditador empenhava-se, acima de tudo, na continuidade do regime.

Habitualmente, o discurso oficial valorizava a paz portuguesa que a neutralidade adoptada pelo regime parecia ter garantido. Tratava-se, assim, de glorificar a posição assumida pelo Estado, o que fica bem patente, por exemplo, no *Jornal Português* nº 18, com a reportagem *A recepção das Embaixadas Especiais no Palácio da Ajuda*³¹. A notícia foca a recepção de Carmona ao Duque de Kent e às restantes comitivas diplomáticas, muitas delas, provenientes de países que, como faz questão de sublinhar o locutor, se enfrentavam numa guerra violenta. Nas suas palavras, este era um dos mais belos capítulos da história diplomática portuguesa: “Mais nenhum país poderia permitir-se hoje a honra de reunir na mesma sala, lado a lado, representantes das nações agora inimigas entre si. Maravilhoso prémio de uma política de verdade, de lealdade e de firmeza, que bastaria para imortalizar a figura de Salazar como Ministro dos Negócios Estrangeiros.”³² Um ano mais tarde a narração da notícia *As sociedades de recreio e clubes desportivos aclamam Salazar*³³ refere que o “homem que tem conservado Portugal afastado da poeira da guerra” tinha sido “aclamadíssimo”.

Ao longo do conflito o *Jornal Português* vai aproveitando para salientar a utilidade, não só para o País, como para a comunidade internacional, da neutralidade portuguesa.

Na reportagem *Troca de Diplomatas em Lisboa*³⁴, incluída no *Jornal Português* nº 32, ouve-se por parte do narrador que “a posição estritamente neutral do nosso país e o seu prestígio no estrangeiro fez com que Portugal fosse escolhido” para aquela que era

³¹ *Jornal Português* nº 18 (1940).

³² *A recepção das Embaixadas Especiais no Palácio da Ajuda* (*Jornal Português* nº 18). Este excerto de texto já tinha sido utilizado no documentário *Festas do Duplo Centenário* (1940), onde as imagens desta reportagem também se incluem.

³³ *Jornal Português* nº 26 (1941).

³⁴ *Jornal Português* nº 32 (1942).

considerada uma cerimónia “característica dos nossos agitados tempos”.

No *Jornal Português* nº 34, a locução da notícia *Lisboa, porto de transbordo para o reabastecimento da Suíça*³⁵ volta a realçar os aspectos positivos da neutralidade portuguesa: “Um dos fenómenos mais curiosos desta guerra é o facto de ter dotado a Suíça, país sem portos de mar, nem contacto directo com ele, de uma importante frota mercante. Graças às boas relações existentes desde sempre entre os dois estados neutros. Lisboa é o principal porto dos navios suíços.”

Em 1944, o *Jornal Português* torna a afirmar, através a reportagem *Troca de beligerantes em Lisboa*³⁶ que, “graças à impecável neutralidade portuguesa”, pôde efectuar-se a troca entre cidadãos alemães e brasileiros que se encontravam detidos nos campos beligerantes contrários.

Salazar procurava concretizar uma estratégia de neutralidade para a Península Ibérica e apostava, para isso, num bom relacionamento com a vizinha Espanha.

Em 1940, o *Jornal Português* nº 14 refere a cerimónia que ocorre na Embaixada de Espanha para a entrega do Grande Colar dos Flechas Vermelhas, oferecido por Franco ao general Carmona, numa demonstração de solidariedade e entendimento perfeito entre as duas nações peninsulares³⁷. Ainda neste número do *Jornal Português*, a reportagem *A visita oficial da Esquadra Espanhola a Lisboa*³⁸ (cruzador Canárias e mais quatro contra-torpedeiros) destaca a forma como a população vitoriava os marinheiros espanhóis – apesar dessa imagem de saudação ser mais criada pela narração do que propriamente observada pela câmara – que entravam no porto da

³⁵ *Jornal Português* nº 34. (1942).

³⁶ *Jornal Português* nº 45 (1944).

³⁷ Esta notícia não tem título já que este número do *Jornal Português* se encontra incompleto nos arquivos do ANIM.

³⁸ *Jornal Português* nº 14 (1940).

capital, naquela que era “mais uma prova da amizade que estreita as relações entre os dois países vizinhos”.

Embora tivesse surgido já numa fase final da Guerra Civil de Espanha, o *Jornal Português* nunca fez muitas referências objectivas ao conflito no país vizinho. Porém, as alusões ao conflito espanhol não eram isentas de um forte cariz ideológico. O *Jornal Português* nº 17 reconhece a intervenção de militares portugueses na guerra espanhola ao lado dos rebeldes nacionalistas. Numa data consagrada ao Exército português, a reportagem *As comemorações do 28 de Maio*³⁹ aborda a condecoração dos combatentes da guerra de Espanha e transmite uma mensagem pró-franquista, baseada no combate anticomunista: “Os novos oficiais reafirmaram a sua dedicação à pátria e a sua fidelidade ao governo do Estado Novo. O sr. presidente da República condecorou com altas distinções os heróis portugueses da guerra de Espanha, combatentes da civilização contra o comunismo internacional”, afirma o locutor⁴⁰ Um ano mais tarde, em 1941, a narração da notícia *O XIII desafio entre Portugal-Espanha*⁴¹ volta a reconhecer e a aclamar a participação portuguesa no conflito do país vizinho, “onde os portugueses tiveram tão heróica e eficaz interferência”.

Dois anos mais tarde, o *Jornal Português* nº 31 exhibe a única notícia – das cerca de quinhentas que produziu entre 1938 e 1951 – sobre uma visita de Estado do presidente do Conselho ao estrangeiro. *A entrevista de Sevilha*⁴² reflecte a importância de Espanha na política externa portuguesa e, ao mesmo tempo, demonstra a

³⁹ O *Jornal Português* nº 17 (1940), incluído na Série Especial das Comemorações Centenárias, contém ainda a notícia *No Museu Militar* relativa a uma exposição de armamento apreendido aos “vermelhos” na guerra de Espanha.

⁴⁰ *As comemorações do 28 de Maio* (*Jornal Português* nº 17). Alguns milhares de homens participaram num contingente de voluntários portugueses que combateu ao lado dos nacionalistas na Guerra Civil de Espanha. Um força que ficou conhecida como os Viriatos.

⁴¹ *Jornal Português* nº 24 (1941).

⁴² *Jornal Português* nº 31 (1942).

proximidade ideológica entre os dois países vizinhos. As imagens cedidas pelo noticiário *Foz Movietone* ao SPN, continham aquela que era a «única reportagem cinematográfica da histórica entrevista de 12 de Fevereiro de 1942 entre o generalíssimo Franco e o doutor Oliveira Salazar»⁴³.

O encontro serviu para que os dois estadistas discutissem as implicações da guerra na sua política interna e externa.

Entretanto, um ano depois de Salazar visitar Franco em Sevilha, edita-se o Número Especial dedicado à visita do Ministro dos Assuntos Exteriores de Espanha, general Conde de Jordana a Portugal. Esta reportagem mostra, uma vez mais, quão profundos são os laços políticos que unem os dois estados ibéricos. Como relata o *Jornal Português* nº 36⁴⁴ em *A chegada a Portugal*, aquela era a resposta à visita de Salazar a Espanha, pelo que se iniciava, assim, “mais uma gloriosa jornada para a história da diplomacia portuguesa contemporânea”.

O locutor fala da presença do corpo diplomático na recepção que o chefe do Estado oferece em Belém como sendo o reconhecimento da política de paz empreendida pelos governantes da península, uma “homenagem àqueles que têm sabido manter-se arredados da catástrofe irreparável da guerra. Portugal e a Espanha verificaram assim que estão no bom caminho. Os ódios alheios não chegam até nós e não poderão corromper a política de amizade e não-agressão firmada no tratado peninsular de 17 de Março de 1939.”⁴⁵

⁴³ Estas são algumas das palavras que, sob a forma de legenda, introduzem a notícia *A entrevista de Sevilha*, no *Jornal Português* nº 31 (1942).

⁴⁴ O *Jornal Português* nº 36 (1943) conta com as seguintes reportagens: *A Chegada a Portugal*, *O Encontro no Tejo com Salazar*, *A Recepção em Belém pelo Chefe do Estado*, *O Almoço no Paço de Sintra*, *A Récita de Gala em S. Carlos*, *A Visita ao Aeroporto de Lisboa*, *A Despedida em Elvas*, *A Saída de Portugal na Fronteira do Caia*.

⁴⁵ *A recepção em Belém pelo Chefe do Estado* (*Jornal Português* nº 36).

Fernando Rosas recorda que o «Bloco Ibérico» foi anunciado após a solene visita do conde de Jordana a Lisboa, numa altura em que a Espanha franquista corria contra o tempo, “na tentativa de, via bons ofícios portugueses, evoluir da «não beligerância» para a neutralidade”⁴⁶. Para César de Oliveira, a visita do responsável espanhol a Portugal permitiu consolidar a estratégia de uma Península neutra. Este autor lembra que é do Conde de Jordana a expressão *pacto ibérico* para exprimir a aliança e a colaboração luso-espanhola⁴⁷.

No entanto, a propaganda à aliança ibérica não falava só do presente e antecipava um futuro conjunto, que deveria garantir a sobrevivência dos dois regimes após a guerra. Na reportagem *O almoço no Paço de Sintra*⁴⁸, o narrador sublinha que a constituição de um bloco peninsular, “baluarte da paz num mundo em guerra”, garantia que “depois da gigantesca contenda alguma coisa de estável prevalecerá, assegurando a possibilidade de tornar melhor a vida de amanhã”⁴⁹.

Esta relação de boa vizinhança continuaria a manter a sua visibilidade cinematográfica no *Jornal Português*, tanto durante a guerra como após o seu fim⁵⁰.

⁴⁶ ROSAS, 1998: 278.

⁴⁷ OLIVEIRA, 1992: 50.

⁴⁸ *Jornal Português* nº 36 (1943).

⁴⁹ *O almoço no Paço de Sintra* (*Jornal Português* nº 36).

⁵⁰ A notícia *Recepção Diplomática em Madrid* incluída no *Jornal Português* nº 44, de 1944 (imagens enviadas pelo jornal de actualidades *NO-DO*), é um outro exemplo dessa proximidade peninsular.

Soberania e subsistência: a vivência de uma guerra de que se fala mas que não se vê

A reportagem cinematográfica que mais próxima esteve da realidade de violência do conflito apareceu no *Jornal Português* nº 13. Em *A tripulação do vapor holandês "Arendskerck" torpedeado no Atlântico*⁵¹, a propósito de um ataque perpetrado por um submarino alemão, ouve-se da locução que "a guerra do mar continua a fazer muitas vítimas". As imagens desta notícia, mais viradas para os membros da tripulação (imagens que podem ter leituras variadas, uma vez que não há a inclusão de testemunhos pessoais), não são, no entanto, representativas dessa violência, dando a entender que se estava perante um facto consumado e distanciado no tempo, sem a carga emotiva transmitida pela proximidade dos acontecimentos.

Aquela foi a uma das poucas alturas em que as imagens do *Jornal Português* mais se aproximaram da violência da disputa. Habitualmente, nas notícias do *Jornal Português* apenas se ouviam referências muito longínquas ao conflito. Ainda assim, qualquer situação era boa para lembrar que Portugal permanecia imune à violência.

Em *O "Te Deum da Sé"*⁵² o locutor explica que, "ao desencontro do mundo as trombetas e os tiros que, desde esse dia, têm soado em Portugal são sinais de festa, salvas de paz". Em 1941, uma outra notícia de âmbito religioso, *O dia da Santa Padroeira*⁵³, refere o facto de em todas as igrejas portuguesas se ter implorado a bênção divina para o "nosso país que tem desfrutado a tranquilidade de uma paz bem ganha, enquanto outros povos menos felizes se debatem com os horrores da guerra".

⁵¹ *Jornal Português* nº 13 (1940).

⁵² *Jornal Português* nº 17 (1940).

⁵³ *Jornal Português* nº 24 (1941).

De uma maneira geral, todos os acontecimentos recolhidos em película serviam para transmitir uma sensação de serenidade e segurança à população.

Em *O Grande Roseiral de Lisboa está em Flor*⁵⁴, filmado no Jardim Zoológico da capital, as imagens de flores e de crianças a brincarem transformavam um simples espaço de lazer num “emblema da paz e da tranquilidade portuguesa, oásis abençoado por Deus nesse deserto de ferro, sangue e fogo que é agora o mundo”, refere o narrador.

Um ano mais tarde, através de *A X Exposição de Aves Canoras e Ornamentais*⁵⁵ pode-se ouvir que “tais certames pacíficos dão bem a nota da nossa abençoada tranquilidade. Bastava isso para que os registássemos com satisfação no *Jornal Português*.”

Todavia, o sossego apregoado no *Jornal Português* também era perturbado pelas dificuldades que o conflito impunha ao país. Mesmo que a destruição causada pelos bombardeamentos estivesse a muitos quilómetros de distância outros problemas afectavam a sobrevivência dos portugueses. As dificuldades económicas e a falta de géneros eram um sério entrave à ideia de estabilidade económica e de paz social que o regime proclamava como resultado da posição neutral assumida por Portugal.

Numa economia fortemente dependente do exterior no que concerne a bens alimentares, combustíveis e matérias-primas industriais, a nação não resistiria aos efeitos do bloqueio económico. A partir de 1941, a escassez de géneros essenciais e a inflação atingiram níveis preocupantes, tornava-se cada vez mais difícil garantir a auto-suficiência alimentar e a estabilidades dos preços. O descontentamento popular tendia a aumentar.

⁵⁴ *Jornal Português* nº 45 (1944).

⁵⁵ *Jornal Português* nº 50 (1945).

Na reportagem *Uma Campanha Nacional Produzir e Poupar*⁵⁶, o *Jornal Português* faz pela primeira vez uma alusão directa à necessidade de se fazer um bom aproveitamento dos recursos existentes, de maneira a garantir a subsistência do país em tempo de conflito: “A economia de guerra impõe a todos os países, mesmo àqueles que como o nosso se encontram em rigorosa neutralidade, e em paz, a consciência da anormalidade do momento que passa. Essa anormalidade impõe regras. Em Portugal deve soar o mesmo grito. Produzir e Poupar, em qualquer nesga de terra”, entoa o locutor. Esta preocupação com a utilização racional dos recursos pode-se encontrar, por exemplo, numa reportagem tão pouco politizada como *O Concurso de Cavaleiros e Equipagens no Estoril*⁵⁷ na qual o locutor refere que aquele até é um concurso cuja “escassez de gasolina plenamente justifica”.

O Estado sentia a necessidade de velar pela regulação autoritária dos abastecimentos.

Representada como “arquétipo da alegada superioridade do modelo corporativo”, a campanha do bacalhau foi, no âmbito das pescas, aquela que recebeu mais atenção por parte do regime e, como diz Álvaro Garrido, o programa de fomento que mais cedo se converteu num dos eixos estabilizadores do próprio sistema⁵⁸.

Das 9 notícias que o *Jornal Português* apresenta sobre a pesca do bacalhau, uma ocorre em plena Guerra Civil de Espanha e 8 nos anos da Segunda Guerra Mundial e do pós-guerra (5 reportagens entre 1940 e 1945, 1 em 1947 e 2 em 1948)⁵⁹.

⁵⁶ *Jornal Português* nº 31 (1942).

⁵⁷ *Jornal Português* nº 39 (1943).

⁵⁸ GARRIDO, 2004: 19.

⁵⁹ *Bênção dos barcos bacalhoeiros portugueses* (J.P. nº 3, de 1938); *Bênção dos barcos bacalhoeiros portugueses* (J.P. nº 15, de 1940); *Arrastões para a frota bacalhoeira* (J.P. nº 25, de 1941); *Mais dois navios... de paz!* (J.P. nº 38, de 1943); *A bênção da frota bacalhoeira* (J.P. nº 39, de 1943); *Na Gafanha da Nazaré O “bota-abaixo” do arrastão “Inácio Cunha”* (J.P. nº 53, de 1945); *Bênção dos*

Logo no começo da Segunda Guerra Mundial os barcos que pescam na Terra Nova passam por sérias dificuldades para exercerem a sua actividade. A circulação de comboios de abastecimento das forças aliadas e de submarinos alemães tornavam a tarefa dos bacalhoeiros portugueses demasiado arriscada. A neutralidade portuguesa não parecia ser o suficiente para proporcionar a segurança que os navios de bandeira portuguesa pretendiam e necessitavam.

Em 1942, os lugres *Maria da Glória* e *Delães* chegaram mesmo a ser torpedeados. Importa dizer que qualquer um destes dois episódios, ocorridos em Julho e Setembro de 1942, nunca foi abordado pelo *Jornal Português*. Interessava à propaganda oficial manter a ideia de que a neutralidade portuguesa – enaltecida ao longo de uma grande parte das reportagens produzidas pelo *Jornal Português* durante a Segunda Guerra Mundial, e até mesmo no pós-guerra – só trazia benefícios à nação, algo que, inevitavelmente, não ficava provado com nenhum daqueles incidentes.

Entre 1939 e 1945, anos de guerra no velho continente, o *Jornal Português* foi um veículo privilegiado da ideia de renascimento da nação, tantas vezes defendida pelo Estado Novo. Mais do que nunca, a ideia de soberania do Estado ocupava especial destaque na mensagem propagandística do regime.

Quando, em 1940, o Estado Novo decidiu celebrar a fundação da Nacionalidade (1140) e a Restauração (1640) através da Exposição do Mundo Português, o regime pretendia dar os sinais de estar a trabalhar para que, em caso de necessidade, Portugal estivesse, de novo, em condições de defender a sua independência e de resistir às pressões das demais potências internacionais. Para César de Oliveira, os objectivos políticos associados à exposição e às

bacalhoeiros (J.P. nº 67, de 1947); *Gafanha O lançamento de dois novos arrastões* (J.P. nº 75, de 1948); *A bênção da frota bacalhoeira* (J.P. nº 77, de 1948).

comemorações eram evidentes: o Estado Novo queria afirmar, no quadro da crise europeia e da Segunda Guerra Mundial, a independência portuguesa e o seu “nacionalismo não agressivo, moral, ético e histórico”⁶⁰.

O medo de que a guerra ultrapassasse as fronteiras e chegasse ao território nacional, quer ao continente, quer às regiões autónomas e colónias⁶¹, levou o Executivo a investir na modernização das Forças Armadas, não só numa tentativa de dissuasão externa, mas também para aumentar os índices de confiança da população que, assim, se sentiria mais segura, já que, em termos de poderio bélico, os militares não estavam em condições de garantir a defesa nacional.

Após a capitulação da França, em 1940, a ameaça nazi estava às portas da Península Ibérica e, conseqüentemente, de Portugal. Os dados estratégicos do conflito tinham-se alterado e a guerra estava, agora, demasiado perto.

No final de 1940, Salazar chega mesmo a iniciar negociações com a Inglaterra para assegurar o apoio e a protecção dos ingleses na eventualidade de um ataque alemão ou espanhol. Tratava-se da criação de um plano de retirada do governo português para os Açores e a posterior defesa do arquipélago.

Estava demonstrada a total inoperância das Forças Armadas portuguesas para lidarem com tal desigualdade militar. Contudo, durante o período que abarca a Segunda Guerra Mundial, o novo exército português aparece em inúmeras edições do *Jornal Português*. Reflexo propagandístico da reforma das Forças Armadas levada a cabo pelo Estado Novo a partir de 1937, a instituição militar é hipervalorizada pela propaganda oficial. O Estado tenta incutir na população a ideia de que o país possui meios militares capazes de garantirem a defesa do seu território.

⁶⁰ OLIVEIRA, 1992: 55.

⁶¹ *A Partida para as Colónias de Novos Contingentes do Exército Português (Jornal Português nº 26)*.

Nos primeiros anos da década de quarenta, o *Jornal Português* começa a ter mais notícias sobre as Forças Armadas e a sua modernização. Esse percurso começa a ser notório em reportagens como *A Inauguração da Base Aérea nº 2 na OTA*⁶², *Os Exercícios Militares de 1940*⁶³, *O Dia da Marinha*⁶⁴, *Juramento de Bandeira na Escola Naval*⁶⁵, *Mais um Navio de Guerra Português*⁶⁶, *Uma Festa no Regimento de Cavalaria 1*⁶⁷, *Na Base da OTA Uma Parada das Forças Aéreas*⁶⁸.

Os principais esforços de mobilização e de manobras militares efectuados pelo Governo português durante a Segunda Guerra Mundial centraram-se nos Açores.

A preocupação em assegurar a independência e soberania do território nacional, nomeadamente dos estratégicos arquipélagos atlânticos, que eram objecto de assédio por parte dos beligerantes, fica bem marcada em duas notícias que o *Jornal Português* produz em 1941.

Na primeira reportagem, *Mais tropas portuguesas para os Açores*⁶⁹, a narração não esconde que as tropas nacionais que vão para o arquipélago o fazem com objectivos legítimos: “No pleno uso do seu direito de soberania e em defesa da sua rigorosa posição de neutralidades perante a guerra actual, o governo português continua

⁶² *Jornal Português* nº 15 (1940). Este número encontra-se incompleto nos arquivos do ANIM.

⁶³ *Jornal Português* nº 22 (1940). Este número está inserido na Série Especial das Comemorações Centenárias.

⁶⁴ *Jornal Português* nº 38 (1943).

⁶⁵ *Jornal Português* nº 38 (1943).

⁶⁶ *Jornal Português* nº 38 (1943).

⁶⁷ *Jornal Português* nº 44 (1944).

⁶⁸ *Jornal Português* nº 46 (1944).

⁶⁹ *Jornal Português* nº 27 (1941). Fernando Rosas destaca o facto de ter sido necessário proceder a uma mobilização militar sem precedentes desde a Primeira Guerra Mundial. Este autor aponta para um contingente militar que chegou a atingir os 170 a 180 mil homens só nos Exércitos enviados para guarnecer pontos sensíveis nas colónias, nas ilhas atlânticas ou no continente, face às eventuais ameaças externas (ROSAS, 1995: 22).

a mandar para os Açores contingentes de tropas admiravelmente preparadas e equipadas.”

O regime recorria às suas principais figuras para marcar uma posição institucional no domínio e na defesa do espaço em que se afirmava soberano. O território insular volta a ser alvo de atenção numa edição especial do *Jornal Português*⁷⁰ dedicada à viagem do Chefe de Estado àquele arquipélago. Uma “viagem de soberania”⁷¹ realizada, como se pode ouvir nas palavras do locutor, “num momento de particular importância nacional e internacional em que a paz e a neutralidade portuguesa são, para o mundo, magníficos sinais do nosso ressurgimento”⁷². A reportagem do *Jornal Português* n.º 29 mostra imagens da população a aclamar o general Carmona e a empunhar letreiros que dizem, entre outras coisas, «Aqui é Portugal» ou «Aqui é também Portugal». Esta “viagem oficial de soberania aos territórios extra-metropolitanos”, como é qualificada pelo narrador, não esquece a presença das forças expedicionárias que ali se encontram para proteger “Portugal em todos os recantos do seu território”. O texto da locução é bem claro quanto ao assédio estrangeiro, e deixa um aviso: “Eles saberão, se assim for necessário, defender a Pátria das cobiças alheias.”

Sucessivamente ameaçado de ocupação por ingleses, americanos e alemães, o arquipélago do Açores foi sempre uma das preocupações do salazarismo.

No entanto, persistia o problema da preparação e apetrechamento de umas Forças Armadas que no final dos anos trinta se encontravam desactualizadas, com fardas desadequadas e

⁷⁰ *Jornal Português* n.º 29 (1941). Reportagem de Manuel Luís Vieira com a cooperação do Secretariado da Propaganda Nacional. A visita do chefe de Estado passou pelas ilhas Terceira, Graciosa, S. Jorge, Corvo, Flores, Pico, Faial, Santa Maria e S. Miguel.

⁷¹ FERREIRA, 1992: 162.

⁷² Número especial dedicado à viagem do Chefe de Estado aos Açores (*Jornal Português* n.º 29).

armamento antiquado. O mal-estar que a situação causava entre os militares, por um lado, e, por outro, a necessidade de mostrar, dentro e fora do País, que o Estado estava plenamente envolvido na defesa do seu território e da soberania nacional, levaram o regime a investir na renovação exército.

A partir de 1943, e do *Jornal Português* nº 37, começaram a tornar-se habituais as reportagens cinematográficas com referências às novas fardas e restantes apetrechos militares.

Na notícia *Uma revista militar*⁷³ ouve-se que, no desfile ordenado pelo Governador Militar de Lisboa, a população se tinha mostrado interessada na “disciplina, equipamento e armamento do novo Exército português”. Já em *O desfile do Novo Exército Português*⁷⁴ o locutor destaca que, perante adidos militares das nações acreditadas em Portugal, pertencentes a ambos os grupos beligerantes, “a maioria das unidades apresentou-se motorizada desfilando de maneira impecável”, com especial destaque para os carros de assalto, “orgulho do novo exército português”. Um exército que, como sublinha a locução, era um produto do espírito renovador dos seus actuais dirigentes.

No número seguinte do *Jornal Português* o novo exército continuava a receber elogios. *Juramento de Bandeira em Engenharia*⁷⁵ não poupa adjectivos com a narração a destacar que, como é timbre do novo exército português, este se tinha apresentado magnificamente equipado em formação impecável, causando “aquela excelente impressão que devem produzir em tempo de paz as milícias guerreiras”.

⁷³ *Jornal Português* nº 37 (1943).

⁷⁴ *Jornal Português* nº 40 (1943).

⁷⁵ *Jornal Português* nº 41 (1943).

*Em Lisboa. O Novo Exército Português Desfila na Avenida*⁷⁶ está entre as notícias que mais se dedicam a abordar a modernização das Forças Armadas nacionais. Apesar da guerra na Europa se aproximar do fim, vivia-se ainda um “momento em que a voz das armas fala alto”, recorda a narração. A presença dos adidos militares das missões diplomáticas acreditadas em Portugal era o suficiente para que se continuassem a ouvir as referências ao conflito, até porque, como se pode ouvir, “a sua presença em terra neutra e amiga reuniu-os ali em pé de igualdade”. Ao longo do desfile das tropas que representavam o contingente do novo exército português, o locutor vai explicando as razões para que, pela segunda vez no decurso de um ano, a Avenida da Liberdade tenha visto passar as “formações impecáveis do novo exército português”. Nesta reportagem, a linguagem propagandística a favor do regime e do seu empenho na renovação da instituição militar, numa altura em que os ventos de guerra ainda sopravam, é clara: “A obra de Salazar não podia deixar para trás este sector fundamental da vida portuguesa e muito menos num momento em que a voz das armas fala alto. A salvaguarda da nossa neutralidade consciente, fiel a todos os compromissos anteriores, mas demonstrativa do nosso cristianíssimo anseio de paz universal assim o exigiu. E o país vê com orgulho o esforço feito e admira os resultados.”

Não passa despercebida a diferença em relação ao passado, que é crucificado em prol de um presente disciplinador (desde as fardas à forma de marchar, desde a disciplina ao armamento). A locução de *Em Lisboa O Novo Exército Português Desfila na Avenida* não poupa a comparação com outros tempos, dizendo que estava

⁷⁶ *Jornal Português* n.º 48 (1944). Este número contém ainda a notícia *Em Campolide A Legião condecora a bandeira de Caçadores 5*, com mais uma alusão às Forças Armadas, nomeadamente com uma “interessante demonstração de canhões anti-carro”, refere o locutor.

tudo “completo e em perfeita ordem, nada tem de comum com aquilo com que estávamos habituados”.

No entanto, a renovação e manutenção de um Exército que vivia na expectativa de um dia ter de pisar o teatro de guerra pesou de uma maneira significativa na situação financeira do Estado. As despesas com a defesa durante a guerra originaram uma sucessão de saldos efectivos negativos nas contas públicas.

Com o fim do conflito e a vitória dos Aliados acabavam também as tréguas da instituição militar, voltando a agitação aos quartéis e ao espírito de muitos oficiais das Forças Armadas, dando lugar a movimentações para derrubar Salazar, muito particularmente, no ciclo compreendido entre 1944 e 1947. Às divergências políticas entre as duas partes juntavam-se outros argumentos, nomeadamente o congelamento dos aumentos do funcionalismo civil e militar face à subida do custo de vida, ou a política de colocações e promoções, situações que tornavam a instituição militar permeável a actos de aliciamento conspiratório. Certos sectores das Forças Armadas até aí leais ao regime começavam a ver com bons olhos uma mudança na governação.

No final de 1944 o Estado Novo viveu momentos de sobressalto. A insatisfação da instituição militar parecia estar a atingir o ponto mais alto. O descontentamento dos oficiais pelo anunciado não aumento dos ordenados do funcionalismo civil e militar levou ao ressurgimento de um sentimento conspiratório que abarcava diversas facções do Exército.

É interessante notar que o *Jornal Português*, em 1944, tinha produzido quatro notícias com referências às Forças Armadas, enquanto que, em 1945 apenas produziu uma reportagem relativa à instituição militar.

Receando que os militares pudessem reactivar a conspiração, e com as manifestações populares de cunho antifascista a acontecerem

um pouco por todo o País, o regime vê-se obrigado a passar do embaraço para a acção. Entre os eventos realizados para o efeito, sobressai a manifestação de agradecimento a Salazar pela paz, convocada pela Associação Central de Agricultura e organizada pelo Ministério do Interior.

A propósito deste acontecimento, em 1945 é produzido um número especial do *Jornal Português* intitulado *A Manifestação a Carmona e a Salazar pela Paz Portuguesa*⁷⁷. O registo de som directo através da Companhia Portuguesa de Filmes, algo que raramente acontecia, dá a noção da importância desta manifestação para a propaganda cinematográfica do regime. A mensagem do locutor é clara: “O que então se passou ninguém pode contar melhor que o cinema, pois basta ver e ouvir.”

Nem a vitória dos estados democráticos sobre as ditaduras levavam Salazar a prometer mudanças. Se é verdade que a conjuntura democrática internacional obrigava a ligeiras concessões, também não é menos certo que nada de essencial na natureza política do regime se alteraria. O Estado Novo preferia, isso sim, realçar determinados aspectos da sua actuação durante o conflito mundial. A neutralidade, que tinha permitido a Portugal manter-se a salvo da guerra e manter as suas antigas alianças, era o trunfo da propaganda oficial.

“No dia 19 de Maio, representantes de todos os municípios portugueses foram ao Palácio de Belém cumprimentar o chefe do Estado e manifestar-lhe a sua gratidão”, lembra o narrador, ao explicar que, “o povo português tinha uma dívida em aberto desde que aquele triste mês de Setembro de 1939, em que a guerra voltou a assolar o mundo e Portugal saiu ileso de tremenda catástrofe sem menor quebra dos seus compromissos seculares, sem a menor

⁷⁷ *Jornal Português* nº 52 (1945).

beliscadura na sua honra nacional. O povo português quis pagar essa dívida e fê-lo galhardamente, como costuma.”⁷⁸

Antes das atenções se virarem para o líder da Nação, um orador – que o *Jornal Português* não identifica – faz um pequeno discurso de consagração do chefe do Governo: “A nação portuguesa aqui representada, em todas as suas actividades e organismos, vêm afirmar-vos, hoje, a sua profunda gratidão, porque soubestes prever de longe as calamidades que ameaçavam o mundo e preparar e fortalecer o país para vencê-las. Porque, chegados os tempos difíceis, defendestes no meio de tantas contrariedades e perigos, com a ajuda da Providência, a honra e a integridade da nação.”⁷⁹

Apesar de “aquilo a que alguém chamou o nosso milagre”⁸⁰ ser atribuído a Carmona e a Salazar, é ao presidente do Conselho que a locução imputa a maior responsabilidade pela salvaguarda da nação portuguesa.

Figura central da propaganda do Estado, o discurso pronunciado por Salazar – pelo menos a parte que foi utilizada na montagem – pôde ser ouvido no *Jornal Português*, uma verdadeira raridade na época e, muito particularmente, neste noticiário cinematográfico. Razão suficiente para a sua transcrição:

“Não sei como agradecer-vos esta manifestação tão carinhosa, tão sincera, tão desinteressada, mas tão pouco merecida. Assim penso, e, no entanto, não hesitei nem me eximi a este acto. Porquê? Era bem que vivêssemos juntos o momento de satisfação patriótica depois dos perigos a que todos estivemos sujeitos e nos horrores que muitos houveram de sofrer. Era bem que eu pudesse agradecer, como homem de governo carregado de responsabilidades, a vossa parte da tarefa, a parte maior de trabalho, de ordem, de disciplina, de sacrifício, durante os maus anos passados. Era bem que se

⁷⁸ A manifestação a Carmona e a Salazar (*Jornal Português* nº 52).

⁷⁹ A manifestação a Carmona e a Salazar (*Jornal Português* nº 52).

⁸⁰ A manifestação a Carmona e a Salazar (*Jornal Português* nº 52).

pudesse ver, não à volta de um homem, de um governo, ou de um regime, mas de um princípio de independência, fidelidade e honra nacional, neste momento inolvidável.”⁸¹

Ao longo da reportagem ficam as imagens do líder posicionado numa janela do ministério, a uma altura razoável do nível da rua, acenando para baixo, para uma multidão que o parece venerar. A narração é de glorificação do líder e de exaltação pelo ambiente vivido: “Quando entoou o hino nacional era bem Portugal agradecido que cantava dando graças a Deus. Apesar da chuva, a multidão aplaudiu largamente, interminavelmente, o homem que a poupou aos horrores dos bombardeamentos, da ocupação estrangeira, da destruição e da carência de tudo. Portugal escrupulosamente e honrosamente neutro, que não teve o seu dia V, teve o seu dia S. O dia da paz portuguesa. O dia de Carmona e Salazar.”⁸²

Pós-guerra e representação do alinhamento

A durabilidade de Salazar e do Estado Novo acabaria por ser posta à prova quando o regime demonstrou alguma relutância em aceitar duas solicitações que os Aliados consideravam politicamente vitais: o pedido de concessão de facilidades militares para a Grã-Bretanha nos Açores, em 1943, e a exigência do embargo da venda de volfrâmio aos Alemães, no ano seguinte. O chefe do Governo acabaria por ceder em qualquer uma destas duas matérias, começando a garantir, a partir daí, a manutenção do regime. Apesar de relevante, a questão do volfrâmio, demasiado sensível para a diplomacia portuguesa, nunca chegou a receber qualquer tipo de atenção nas edições do *Jornal Português*, nem sequer numa

⁸¹ *A manifestação a Carmona e a Salazar (Jornal Português nº 52).*

⁸² *A manifestação a Carmona e a Salazar (Jornal Português nº 52).*

abordagem de teor meramente económico. O mesmo se passava com a questão do arquipélago açoriano.

Com a Segunda Grande Guerra a caminhar para o seu final, alterava-se uma parte significativa da estratégia de alianças engendrada pelo Estado Novo durante os períodos de conflito. Acabada a neutralidade, que noutras alturas tinha permitido a continuidade do regime, os responsáveis pela política externa tinham de escolher, também por razões de sobrevivência, os seus aliados do lado dos vencedores.

Internacionalmente, com os Americanos às portas da Europa, a estratégia dos Aliados na Península Ibérica, e, conseqüentemente, as suas relações com os regimes de Salazar e de Franco, sofrem algumas alterações.

Em 1944, o Estado Novo começava a perceber para que lado pendia o desenrolar do conflito. A relação de forças na nova ordem internacional começava a ser visível, também, no *Jornal Português*.

A notícia *Em Belém. O novo embaixador dos EUA entregou as suas credenciais*⁸³ é pioneira na forma como o próprio *Jornal Português* aborda a presença da diplomacia norte-americana na política externa portuguesa. Uma alusão até então inexistente neste noticiário cinematográfico. Numa altura em que o governo dos Estados Unidos tinha transformado as Missões Diplomáticas em Embaixadas, o primeiro embaixador dos EUA foi a Belém entregar as credenciais do seu governo ao Presidente da República. A narração do *Jornal Português* deixa patente que aquela cerimónia contribuía para um “inevitável desenvolvimento das relações mútuas que de tal determinação resultará”.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e, conseqüentemente, com as democracias a vencerem as ditaduras, o futuro do regime estava em causa, havia que redefinir o seu posicionamento externo.

⁸³ *Jornal Português* nº 48 (1944).

Salazar pretendia rentabilizar politicamente a neutralidade colaborante, utilizando-a como contrapartida do apoio dos Aliados à salvaguarda do salazarismo.

Em Portugal tinha-se gerado um forte movimento a favor da democracia. Perante a convicção de que a mudança chegaria aos dois países peninsulares governados por forças antidemocráticas, a oposição democrática aproveitava os momentos iniciais de hesitação e de expectativa de um Governo remetido à defensiva para pedir eleições livres. Acreditava-se em Portugal que os Aliados iriam prosseguir uma política de boicotes à semelhança da atitude tomada para com a Espanha de Franco.

As manifestações de regozijo pela vitória dos Aliados e de afirmação democrática das massas populares não foram noticiadas pelo *Jornal Português*⁸⁴. O noticiário cinematográfico oficial nem nessa altura fez qualquer tipo de alusão às vozes discordantes.

A reportagem *As Comemorações do XX Aniversário da Revolução Nacional*⁸⁵ dava eco de recepções apoteóticas e entusiásticas aos líderes da nação. Três peças compõem esta notícia: *Em Braga; No Porto; Em Lisboa*.

Tratava-se, como faz questão de enfatizar o narrador, de um “documentário onde as imagens são o mais eloquente testemunho das honras que se viveram em Braga”⁸⁶.

Pelo facto de ter sido de Braga que partiu a coluna militar que em 1926 marcharia sobre Lisboa para impor a Ditadura Militar, a capital minhota representava, simbolicamente, a capacidade de sobrevivência da ditadura. O narrador não poupa na adjectivação quando se trata de exaltar o líder da nação, explicando que, nas ruas de Braga, o povo vitoriava “delirantemente” e “largamente” Salazar.

⁸⁴ Não constam, pelo menos, do material disponível nos arquivos do ANIM.

⁸⁵ *Jornal Português* n.º 59 (1946).

⁸⁶ *As Comemorações do XX Aniversário da Revolução Nacional: Em Braga* (*Jornal Português* n.º 59).

Para além da população, a narração destaca a presença das Forças Armadas – dando a entender que um dos principais alicerces do autoritarismo nacionalista estava com o regime – na cidade de Braga: “O povo que enchia completamente a grande avenida aclamou os soldados de Portugal. O Exército português garante das mais lidimas virtudes nacionais.”⁸⁷ Quanto à Marinha, sublinhava-se a constante lealdade desta “ao serviço do Império”⁸⁸.

Até 1951, ano de edição do último número do *Jornal Português*, as questões ligadas às Forças Armadas portuguesas continuaram a merecer a atenção das actualidades oficiais, ainda que, com o pós-guerra, a sua presença nos sumários do *Jornal Português* fosse mais reduzida.

Perante a incerteza quanto ao novo equilíbrio de forças entre as grandes potências internacionais, o regime continuava a propagandear o orgulho do país nas suas instituições militares, com a produção de reportagens como *Desfile em Lisboa do Exército Português e das Forças Expedicionárias Brasileiras*⁸⁹, *Alfete O Dia da Marinha*⁹⁰, *A Semana da Marinha*⁹¹ ou *Os Exercícios Finais da Escola Prática de Engenharia 1950*⁹².

Em *O Dia da Infantaria*⁹³ a locução recorre linguagem belicista em prol da defesa da soberania – que em pleno conflito mundial se tinha tornado rotineira – ao mencionar que o desfile das unidades motorizadas “não deixou de impressionar fortemente a multidão que rodeava todo o percurso, pelo que significam de eficiência e poderio

⁸⁷ *As Comemorações do XX Aniversário da Revolução Nacional: Em Braga (Jornal Português nº 59).*

⁸⁸ *As Comemorações do XX Aniversário da Revolução Nacional: Em Braga (Jornal Português nº 59).*

⁸⁹ *Jornal Português nº 54 (1945).*

⁹⁰ *Jornal Português nº 67 (1947).*

⁹¹ *Jornal Português nº 89 (1950).*

⁹² *Jornal Português nº 93 (1950).*

⁹³ *Jornal Português nº 79 (1948).*

bélico, garantia inabalável da independência e do prestígio das armas nacionais”.

Igualmente em 1948, as tropas voltavam à Avenida da Liberdade como já tinha acontecido durante a guerra. À imagem do que se tinha passado nesses anos, volta-se a ouvir na narração de *Lisboa Desfile Militar*⁹⁴ palavras de exaltação militarista que são secundadas pela constatação do apoio popular ao Estado Novo: “A cidade de Lisboa e a sua população tiveram, uma vez mais, a oportunidade de apreciar esta notável demonstração de força e de organização militar que as unidades em parada tão eloquentemente afirmaram”.

Já no final da década, em 1949, o *Jornal Português* nº 83 torna a fazer alusão à “eficiência do nosso exército, prestigiado na sua nobre missão de garantir a paz e a independência nacionais”. Esta locução, feita a propósito das “Forças Armadas da nação tão garbosamente apresentadas” e, mais precisamente, das unidades dos regimentos motorizados da 3ª região militar, pode ser ouvida na notícia *Porto Uma Parada Militar*⁹⁵.

Um ano mais tarde, a notícia *A Festa Militar do Regimento de Engenharia 1*⁹⁶ transmite a ideia de que a modernização do Exército estava concluída: “Desta notável exibição técnica fica-nos a certeza que os militares da engenharia portuguesa estão perfeitamente aptos para as tarefas que a moderna táctica militar reclama.”

De volta ao *Jornal Português*, estiveram, no pós-guerra, as reportagens de esquadras navais que chegavam à costa portuguesa, só que, desta vez, pertencendo, exclusivamente, às armadas aliadas. A presença em portos portugueses de navios da marinha britânica e da marinha norte-americana, tanto em 1946, como em 1948, tinha um claro significado político de apoio ao Estado Novo. Uma ajuda que

⁹⁴ *Jornal Português* nº 72 (1948).

⁹⁵ *Jornal Português* nº 83 (1949).

⁹⁶ *Jornal Português* nº 92 (1950).

não era desinteressada e que acontecia numa altura em que se fazia sentir o adensar da Guerra Fria e os efeitos da bipolarização mundial.

A primeira referência, no pós-guerra, à “honrosa visita de uma divisão da heróica e nobre Home Fleet” aparece no *Jornal Português* nº 55 na notícia *A “Home Fleet” em Lisboa*⁹⁷. A locução falava de uma “cinzenta e fria manhã de 1946, ano de paz no mundo”, em que “o povo de Lisboa exteriorizava o seu apreço pelos bravos marinheiros da velha Inglaterra”.

Neste número, a reportagem *Sua Excelência o Presidente da República visita o Couraçado Nelson*⁹⁸ lembra que, com a presença do “venerando chefe do Estado português”, o governo nacional prestava homenagem aos “heróis da Home Fleet, a esquadra de Inglaterra”.

Por se tratar de uma antiga aliada, com a qual o Estado Novo pretendia manter, por motivos estratégicos, uma boa relação, a passagem da armada inglesa pela capital portuguesa esteve ainda em evidência no número seguinte do *Jornal Português*, através das seguintes reportagens: *A “Home Fleet” em Lisboa. Uma Festa em Queluz*⁹⁹, onde o ministro dos Negócios Estrangeiros português presta homenagem à frota inglesa; e *A partida da “Home Fleet”*¹⁰⁰, onde se destaca a manifestação popular dirigida aos marinheiros ingleses depois destes terem estado uma semana em Lisboa.

A armada britânica só voltará a ser referenciada no *Jornal Português*, em 1950, com a reportagem *O Couraçado Vanguard visita*

⁹⁷ *Jornal Português* nº 55 (1946). Este número do *Jornal Português* contém ainda uma notícia onde se referem as boas relações entre as tropas dos dois países, através de *O desafio de “Foot-Ball” RAF-Exército Português*, naquela que era, como sublinha o locutor, uma “manifestação de verdadeiro desporto”. Ao contrário do que acontecia anteriormente, já não se vê a equipa portuguesa a fazer a saudação fascista antes do jogo começar. Um desafio que contou com a presença de Carmona e de outros membros do Governo.

⁹⁸ *Jornal Português* nº 55 (1946).

⁹⁹ *Jornal Português* nº 56 (1946).

¹⁰⁰ *Jornal Português* nº 56 (1946).

Lisboa¹⁰¹, onde se realça a realização de manobras conjuntas no Atlântico por parte dos navios da marinha portuguesa e inglesa.

Enquanto Portugal era convidado para participar no Plano Marshal/Plano Europeu de Reconstrução e na NATO, inúmeras representações diplomáticas abandonavam Madrid. Salazar empenhar-se-ia, contudo, na sobrevivência da ditadura franquista, comprometendo-se diplomaticamente na reabilitação do regime espanhol. Desalinados politicamente com o resto da Europa Ocidental, os dois regimes peninsulares procuram estreitar ainda mais os laços de amizade que, perante um contexto político-ideológico hostil, lhes podiam garantir a durabilidade pretendida.

Se a visita de Salazar à Galiza, em 1950, não merece qualquer tipo de referência no *Jornal Português*, já a visita de Franco a Lisboa um ano antes merece amplo destaque no noticiário cinematográfico oficial sob o título *A visita a Portugal do Generalíssimo Franco*¹⁰².

A passagem do líder espanhol pela capital e por algumas cidades portuguesas do centro do país foi filmada pela SPAC e editada em três números do *Jornal Português* inteiramente dedicados a esta visita

*A visita a Portugal do Generalíssimo Franco I*¹⁰³ mostrava unicamente o dia da chegada (22 de Outubro), onde desembarcou no Cais do Terreiro do Paço, sendo recebido, entre outros, por Salazar, Carmona e o cardeal patriarca de Lisboa. As imagens são de uma recepção calorosa por parte da população de Lisboa. No celulóide ficou também retida a presença do ditador espanhol no Palácio de

¹⁰¹ *Jornal Português* nº 93 (1950).

¹⁰² *Jornal Português* nº 86, nº 87, nº 88 (1949). Manuel Loff realça a renovação do Pacto Ibérico e as visitas de Franco a Lisboa, em 1949, e de Salazar à Galiza, em 1950, como tendo marcado o apogeu de uma relação de amizade peninsular que, apesar das limitações estruturais, a "retórica ideológica descrevia como baluarte da «reserva moral do Ocidente», de um anticomunismo que passa a ser descrito como precursor daquele a que o Ocidente regressava depois da Grande Aliança anti-nazi estabelecida com a União Soviética durante a guerra" (LOFF, 1999: 59)

¹⁰³ *Jornal Português* nº 86 (1949).

Queluz, onde almoçou e ficou a descansar, para durante a tarde se deslocar ao Palácio de Belém e aí ser recebido por Carmona. A terminar o primeiro dia, Franco visitou a Câmara Municipal de Lisboa.

Em *A visita a Portugal do Generalíssimo Franco II*¹⁰⁴ o *Jornal Português* mostra o segundo, o terceiro e o quarto dias da visita (23, 24 e 25 de Outubro). O dia 23 ficou marcado pela presença de Franco e de Salazar no Campo Pequeno, onde assistiram a uma Tourada à Antiga Portuguesa¹⁰⁵. As imagens captadas na altura voltam a dirigir os olhares dos espectadores para as manifestações de apoio popular aos líderes. Do dia 24 ressaltam as imagens da passagem do Generalíssimo por Mafra (Convento) e por Sintra (Palácio da Vila e Castelo da Pena). A terminar, o nº 87 do *Jornal Português* podem-se ver imagens do dia 25 de Outubro, quando Franco se dirige para o Luso em comboio especial, seguindo para o Buçaco (Hotel do Buçaco) e para Coimbra onde o ditador espanhol recebe o título *Honoris Causa* na Universidade de Coimbra e onde é notada a presença do cardeal patriarca de Lisboa¹⁰⁶.

*A visita a Portugal do Generalíssimo Franco III*¹⁰⁷ reúne o quinto e o sexto dia da visita (26 e 27 de Outubro). No dia 26, as imagens da revista de actualidades levam o espectador a acompanhar a passagem do líder espanhol por Fátima (Santuário), Leiria (Castelo), Batalha (Mosteiro) e Alcobaça (Convento). O último dia (27) é o da Partida de Franco para Madrid. No Aeroporto da Portela, para onde foi acompanhado por Salazar, Franco era aguardado por Carmona. Um momento em que o locutor do *Jornal Português* aproveita para classificar a visita de Franco a Portugal como um “símbolo da fraterna

¹⁰⁴ *Jornal Português* nº 87 (1949).

¹⁰⁵ António Pedro Vicente salienta que nos espectáculos organizados em honra de Franco (S. Carlos, Praça de Touros do Campo Pequeno, etc.) todos os lugares eram ocupados por convidados, pois não haviam sido colocados bilhetes à venda (VICENTE, 1994: 47).

¹⁰⁶ D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Doutor em Letras pela Universidade de Coimbra e, seu antigo docente.

¹⁰⁷ *Jornal Português* nº 88 (1949).

amizade que une Portugal e a Espanha. Inestimável penhor de perenidade da civilização cristã e ocidental.”¹⁰⁸

Ainda que Salazar não nutrisse, como era do conhecimento geral, uma grande amizade pelo imperialismo americano, como aliás fazia questão de referir, a verdade é que no *Jornal Português* nº 55, emitido em 1946, a reportagem *Visitantes Ilustres O Cardeal Spellman*¹⁰⁹ narra que a homenagem prestada pelo cardeal patriarca de Lisboa ao Arcebispo de Nova Iorque é a demonstração da grande admiração do governo e do povo português pela “grande nação americana”. Ficava claro nesta reportagem que Estado e Igreja partilhavam uma grande cumplicidade nos destinos da nação, até mesmo na sua política externa.

A reportagem intitulada *A visita da Esquadra Americana*¹¹⁰ marca o *Jornal Português* nº 62, por ser a primeira a referir a presença de topas americanas em Portugal. Uma visita de cortesia e homenagem onde se destacam, não só os cumprimentos apresentados ao chefe do Estado pelo almirante americano, como também a apresentação, em plena Assembleia Nacional, das cordiais sudações do governo dos Estados Unidos ao presidente do Conselho.

A “amigável visita”¹¹¹ que as forças navais americanas fizeram a Portugal era vista com naturalidade, já que, como sublinha o locutor, Portugal foi um país que, “nos anos calamitosos da guerra soube cumprir lealmente, dignamente, o seu dever”¹¹². A locução enaltece o ambiente de concórdia que, supostamente, existia entre os dois países, referindo não só que os marinheiros norte-americanos desfilaram pelas ruas da capital “perante as vibrantes aclamações da população”, como também que “a Torre de Belém, glorioso

¹⁰⁸ *A visita a Portugal do Generalíssimo Franco III* (*Jornal Português* nº 88).

¹⁰⁹ *Jornal Português* nº 55 (1946).

¹¹⁰ *Jornal Português* nº 62 (1946). Na frota americana assumia especial destaque o porta-aviões *D. Roosevelt*, que recebeu a visita de Salazar e Carmona.

¹¹¹ *A visita da Esquadra Americana* (*Jornal Português* nº 62).

¹¹² *A visita da Esquadra Americana* (*Jornal Português* nº 62).

testemunho do glorioso passado das conquistas portuguesas, recebe o eco das salvas de homenagem que do grande porta-aviões se disparam”.

Até 1951, quatro reportagens voltam a mencionar a principal potência ocidental. Em 1948, *A visita a Lisboa do Comandante das Esquadras Americanas do Atlântico e Mediterrâneo*¹¹³ serviu, como realça o narrador, para “evidenciar, uma vez mais, a grande simpatia que une os dois povos e os seus marinheiros”, uma ideia repetida em *Unidades da Esquadra Americana do Atlântico Oriental e do Mediterrâneo visitam Lisboa*¹¹⁴, onde se pode ouvir que, “desta forma, uma vez mais, se reforçou a tradicional amizade existente entre as duas nações atlânticas”.

Dois anos mais tarde, os ecrãs das salas de cinema voltavam a ter nas suas telas mais notícias dedicadas às visitas de cortesia da marinha dos Estados Unidos. Em *A substituição das Forças Navais Norte-Americanas em serviço no Mediterrâneo efectuou-se em Lisboa*¹¹⁵ acentua-se que “esta visita de serviço e de cortesia deu ensejo à maior concentração de forças navais até agora registada no estuário do Tejo, e permitiu, igualmente, que os marinheiros norte-americanos admirassem, uma vez mais, Lisboa”. Perante um contingente militar tão elevado, a narração faz questão de mencionar que “a população de Lisboa não escondeu a sua viva simpatia e admiração pelos bravos marinheiros norte-americanos”. Com uma atitude diplomaticamente correcta, o *Jornal Português* reflectia a ideia de que os Estados Unidos eram, de facto, um aliado sumamente importante para a continuidade do Portugal salazarista.

Ainda em 1950, a notícia *O General Eisenhower em Lisboa*¹¹⁶ parecia não deixar dúvidas quanto ao valor da nova aliança atlântica:

¹¹³ *Jornal Português* nº 72 (1948).

¹¹⁴ *Jornal Português* nº 78 (1948).

¹¹⁵ *Jornal Português* nº 89 (1950).

¹¹⁶ *Jornal Português* nº 94 (1950).

os vencedores, na figura de um dos responsáveis militares pela vitória na Segunda Guerra Mundial, reconheciam a legitimidade de um regime autoritário, semelhante àqueles que tinham ajudado a derrotar cinco anos antes. Já não havia dúvidas, com a Guerra Fria a conjuntura internacional tinha mudado.

A visita a Lisboa do comandante-chefe dos exércitos da Europa Ocidental, general Eisenhower, era uma daquelas visitas que permitia melhorar a imagem do regime perante a comunidade internacional, tanto mais que acontecia depois do “grande militar”, como aparece referenciado nesta reportagem, ter percorrido algumas capitais de países do Pacto do Atlântico Norte. O narrador recorda que na visita a Portugal, “um dos países do Pacto Atlântico”, Eisenhower esteve com Salazar em S. Bento e com Carmona no Palácio de Belém, tendo recebido no fim da sua breve visita a Lisboa uma “calorosa manifestação de milhares de pessoas” que acorreram ao aeroporto da Portela para o saudarem no momento em que partia para Roma. Daquilo que o militar norte-americano terá dito às autoridades nacionais só se sabe pelas palavras do locutor que “o nosso ilustre hóspede manifestou o seu enorme regozijo por visitar Lisboa e a sua enorme gratidão pela fidalga hospitalidade que encontrou em Portugal”.

César de Oliveira admite que à assinatura do Acordo de Defesa entre Portugal e os EUA, em 1951, que incidia particularmente sobre a utilização da Base das Lajes, na Ilha terceira, não foi estranha a deslocação do comandante supremo das forças da NATO, general Dwight Eisenhower, a território português¹¹⁷. A desconfiança que o presidente do Conselho nunca tinha escondido ter em relação aos EUA tendia a desvanecer-se com a constatação de que era aquele país quem liderava o mundo ocidental. A sobrevivência do Estado

¹¹⁷ OLIVEIRA, 1992: 76.

Novo impunha, uma vez mais, ao regime que se adaptasse às condições políticas da comunidade internacional.

Depois de no pós-guerra ter recebido a visita das divisões navais de Inglaterra e dos Estados Unidos da América chegava ao *Jornal Português* a primeira e única reportagem sobre unidades da marinha de guerra francesa sob o título *A visita do cruzador francês "Richelieu"*¹¹⁸. Trata-se de uma embarcação que o locutor considera como "um dos mais famosos navios de guerra do mundo e símbolo da grandeza eterna da França". O texto desta notícia deixa transparecer alguma cordialidade para com o novo aliado: "Esta visita do couraçado francês serviu para demonstrar, uma vez mais, os sentimentos de amizade que unem as duas pátrias europeias, ambas portadoras de mensagens de civilização e cultura."

Contudo, um velho aliado da vertente política autoritária e antidemocrática continuava a ter lugar cativo nas edições do *Jornal Português*, a notícia *Vida diplomática. O Novo Embaixador de Portugal em Espanha*¹¹⁹ é disso exemplo.

A proximidade entre os dois estados peninsulares nunca deixou de estar presente no discurso oficial, onde se continuava a fazer a apologia dos regimes opressivos. Na reportagem *Na S. N. Belas Artes. Exposição do Livro Espanhol*¹²⁰, Carmona proferiu, segundo a narração do *Jornal Português*, "palavras de alto apreço pela nação amiga, pelo seu chefe e pela mensagem espiritual que a Espanha conduz pelo mundo".

Se as lembranças do passado ainda estavam presentes nos conteúdos do *Jornal Português*, os anos que se seguiram à Segunda Grande Guerra trouxeram aos sumários deste noticiário cinematográfico novas realidades. Entre elas destacam-se duas: os

¹¹⁸ *Jornal Português* n.º 64 (1946).

¹¹⁹ *Jornal Português* n.º 60 (1946).

¹²⁰ *Jornal Português* n.º 64 (1946).

navios com repatriados vindos de Timor e a chegada de crianças austríacas a Portugal, a convite da Caritas.

À “capital do nosso glorioso império” chegavam, em 1946, “os portugueses de Timor que teimaram em defender a soberania portuguesa, guiados pelo amor pátrio e pela bandeira verde rubra” afirmava em tom patriótico a narração da notícia *Chegada a Lisboa dos repatriados de Timor*¹²¹.

Pouco tempo depois, quem aportava na costa portuguesa vindo de Timor era o contingente militar da Forças Expedicionárias ao Extremo-Oriente, vítima das invasões nipónicas, como destaca o narrador do *Jornal Português* na notícia *Chegou o “Quanza” de regresso de Timor*¹²².

A questão timorense só em 1946 começou a ser falada no *Jornal Português*, contudo, em 1941 e 1942 Timor já tinha sofrido duas invasões. Inicialmente por tropas holandesas e australianas e, um ano mais tarde, por tropas japonesas.

Entretanto, a partir de 1948, e do *Jornal Português* nº 73, aparecem as primeiras imagens de um outro percurso.

A convite da Cáritas Portuguesa, centenas de crianças que sentiram a violência da guerra chegavam a Portugal.

Notícias como *Crianças da Áustria em Portugal*¹²³, *400 crianças austríacas vêm passar férias a Portugal*¹²⁴, *Mais mil crianças austríacas chegam a Lisboa*¹²⁵ ou *Chegou a Lisboa o último turno de crianças estrangeiras que vêm gozar férias em Portugal*¹²⁶, referem a chegada de crianças que “depois de tanto terem sofrido bem merecem agora carinho e sossego”¹²⁷.

¹²¹ *Jornal Português* nº 55 (1946).

¹²² *Jornal Português* nº 57 (1946).

¹²³ *Jornal Português* nº 73 (1948).

¹²⁴ *Jornal Português* nº 76 (1948).

¹²⁵ *Jornal Português* nº 85 (1949).

¹²⁶ *Jornal Português* nº 89 (1950).

¹²⁷ *400 crianças austríacas vêm passar férias a Portugal (Jornal Português nº 76)*.

Nos anos que se seguiram ao conflito mundial, a não participação de Portugal na guerra era aproveitada pela propaganda oficial como um trunfo do regime, já que, como sublinha a locução de *Crianças da Áustria em Portugal*, o país continuava a ser uma “terra de paz e de alegria”¹²⁸.

Em *400 crianças austríacas vêm passar férias a Portugal* a mensagem continua a ser de exaltação da estabilidade social em que, supostamente, o país vivia: “A nossa terra continua a ser um tranquilo refúgio para as crianças que em outras nações conheceram os horrores da guerra. A Caritas não poupa esforços para trazer a Portugal estas crianças enfraquecidas que durante meses vão rir e brincar com alegria, ao mesmo tempo que poderão renovar a saúde”.

Em 1950, o *Jornal Português* noticiava a derradeira destas viagens ao emitir a reportagem *Chegou a Lisboa o último turno de crianças estrangeiras que vêm gozar férias em Portugal*¹²⁹. De uma forma subtil, o locutor recorda aos mais esquecidos que, enquanto a Europa tinha vivido confinada ao pânico da guerra no início dos anos 40, Portugal soubera evitar uma tal calamidade: “Esta nobre iniciativa permitiu que estas pequenas crianças checas, gregas, polacas, romenas e húngaras, e que viveram em campos de concentração, vivam agora nos campos livres de Portugal, onde vão colher às braçadas a flor das novas esperanças. Uma flor que se dá muito bem na terra portuguesa.”

Para os simpatizantes do regime, o obreiro da paz portuguesa só podia ser um: Salazar. A mensagem de glorificação do homem que tinha conservado Portugal “afastado da poeira da guerra”¹³⁰ foi, por mais do que uma vez, veiculada no *Jornal Português* durante o conflito. Alguns anos após o fim da contenda internacional, a

¹²⁸ *Crianças da Áustria em Portugal* (*Jornal Português* nº 73).

¹²⁹ *Jornal Português* nº 89 (1950).

¹³⁰ *As sociedades de recreio e clubes desportivos aclamam Salazar* (*Jornal Português* nº 26, de 1941).

veneração do líder voltava a fazer parte da linguagem propagandística do jornal de actualidades da SPAC.

*As mulheres portuguesas gratas a Salazar*¹³¹ é um bom exemplo da forma como o aparelho de propaganda do Estado se preocupou em acalentar, ao longo dos anos, o mito paternalista do chefe salvador. A locução não deixa dúvidas quanto à divinização do líder: “Naquela manhã em que se aclamava o homem que soube salvar em curtos anos, que foram uma longa vida, Portugal e o seu povo aos horrores da guerra.”

Conclusão

A produção cinematográfica do Estado Novo, nas décadas de 30 e 40, constituiu uma representação fiel dos ícones propagandísticos do regime. Quando António de Oliveira Salazar pedia, em 1933, na inauguração do Secretariado da Propaganda Nacional, que aquele organismo apostasse na originalidade, se abstrairse de “serviços idênticos” e tratasse apenas do “nosso caso comezinho”¹³², o presidente do Conselho estava também a definir a estrutura da produção cinematográfica caucionada pela propaganda oficial.

Mais vocacionado, pelo menos no plano das intenções, para abordar a actualidade nacional, um pouco à imagem daquilo que Salazar queria que fosse a orientação do Secretariado da Propaganda Nacional, o *Jornal Português* não deixou, no entanto, de mostrar, desde cedo, reportagens vindas do exterior. Uma incoerência que

¹³¹ *Jornal Português* nº 73 (1948). A ideia de que, graças à actuação do presidente do Conselho, o país se tinha preservado dos horrores da guerra transformando-se num paraíso encontra-se também descrita na notícia *Soberanos no exílio. A chegada a Portugal do Rei Humberto III*. O locutor explica que depois de terem vivido momentos tão graves da história do seu país e do mundo, “os ex-governantes de Itália fixam residência particular na tranquila terra portuguesa”. (*Jornal Português* nº 60, de 1946).

¹³² SNI, 1958: 16.

deita por terra a ideia de que se tratava de um noticiário dedicado única e exclusivamente à “informação nacional”¹³³.

Do estudo de uma revista de actualidades como o *Jornal Português*, é inevitável concluir que o cinema de propaganda salazarista produzia as suas próprias representações da realidade.

As imagens dos conflitos internacionais tornam-se num tabu propagandístico, omitindo uma realidade de guerra que segundo o discurso promovido pelo regime se encontrava distante da “paz” portuguesa. À violência autoritária, o regime contrapunha a versão idílica, e fatalmente utópica, de uma sociedade pacífica e ordeira, como convinha ao regime autoritário.

A posição de neutralidade adoptada por Portugal durante a Segunda Guerra Mundial não serviu só para que o Estado definisse a sua posição externa perante o conflito, serviu também para que, dentro das suas fronteiras, o regime salazarista concretizasse o seu projecto político.

Ancorado na propalada neutralidade portuguesa, o Secretariado da Propaganda Nacional procurou que a opinião pública acreditasse que a sociedade em que vivia não era conflituosa e que, graças à ordem instituída pelo salazarismo, os portugueses tinham garantido uma paz duradoura.

De uma maneira geral, tudo servia para destacar a importância e a utilidade para o país da decisão tomada pelo regime de se manter afastado do conflito. Das cerimónias religiosas à inauguração de uma exposição de flores, de um desfile militar a uma recepção diplomática, qualquer situação era legítima para falar das “horas incertas”¹³⁴ que o mundo vivia e de como o chefe do Governo

¹³³ Carmo Piçarra considera que uma das características do *Jornal Português* era a informação nacional, mas reconhece também que foram incluídas notícias de cine-jornais oficiais dos regimes italiano e espanhol (PIÇARRA, 2002: 92, 205).

¹³⁴ *Jornal Português* nº 43 (1944).

“salvaguardou a nação portuguesa de todos os males que afligiram mais de nove décimos do planeta durante seis anos”¹³⁵.

O facto das imagens não mostrarem o conflito internacional tem de ser entendido como uma manobra propagandística. A conjuntura internacional era utilizada durante a guerra de uma maneira demagógica, como elemento de coesão nacional, pelo que as informações sobre o desenlace da guerra eram cuidadosamente filtradas pela censura. O regime salazarista sabia que a violência, que durante a Monarquia e a I República tinha estado relacionada com a instabilidade social, podia emergir a qualquer altura do estado de letargia a que estava votada pela força.

Foi o Estado Novo que optou por censurar as imagens da guerra, por manter as imagens do conflito afastadas do seu noticiário cinematográfico. Em Portugal, a neutralidade e os seus benefícios não passavam de uma questão de retórica. O contacto com os horrores da guerra só era introduzido através do discurso da propaganda oficial. Das imagens do conflito nem um *frame* era possível encontrar no *Jornal Português*. Afinal, as únicas representações que ficavam impressas no celulóide interpretavam as traves mestras do pensamento salazarista, das certezas absolutas e das verdades indiscutíveis que ajudavam a construir uma imagem incompleta e distorcida da realidade.

¹³⁵ *Jornal Português* nº 52 (1946).

Referências:

- ALÍPIO, Elsa Santos (2001) - Do 5 de Outubro à integração europeia (1910-1986). In *História. Um século de política externa*, Ano XXII (III Série). Nº 32. Lisboa: História – Publicações e Conteúdos Multimédia. 26-30.
- ANDRADE, Luís Manuel Vieira (1992) - *Neutralidade Colaborante. O Caso de Portugal na Segunda Guerra Mundial* (policopiado). Dissertação de Doutoramento apresentada na Universidade dos Açores.
- CUNHA, Luís (2001) - *A Nação nas malhas da sua identidade: O Estado Novo e a construção da identidade nacional*. Porto: Edições Afrontamento.
- DIEZ PUERTAS, Emeterio (2002) - *El Montaje del Franquismo – La política cinematográfica de las fuerzas sublevadas*. Barcelona: Laertes.
- FERRERIRA, José Medeiros (1992) - As relações entre as Forças Armadas e o regime (1933-1960). In ROSAS, Fernando, coord. – *Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*. Lisboa: Editorial Presença.
- GARRIDO, Álvaro (2004) - *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*. s.n.: Círculo de Leitores.
- LOFF, Manuel (1999) - Suspeição nacionalista e comunidade ideológica. In *História. Relações Ibéricas de 1898 a 1974 Portugal e Espanha*, Ano XXI (Nova Série). Nº 12. Lisboa: História – Publicações e Conteúdos Multimédia. 52-61.
- MATOS-CRUZ, José de (2001) - Breve Dicionário Tipológico do Cinema no Estado Novo. In TORRAL, Luís Reis, coord.– *O cinema sob o olhar de Salazar*. Lisboa: Temas & Debates.

- OLIVEIRA, César de (1992) - A Evolução Política. In ROSAS, Fernando, coord.-*Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*. Lisboa: Editorial Presença.
- PIÇARRA, Carmo (2002) - *O Papel do Jornal Português na Propaganda do Estado Novo* (policopiado). Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- ROSAS, Fernando (1995) - *Portugal entre a Paz e a Guerra. Estudo do impacte da II Guerra Mundial na economia e na sociedade portuguesa (1939-1945)*. Lisboa: Editorial Estampa.
- ROSAS, Fernando, coord. (1998) - O Estado Novo. In MATTOSO, José, dir. - *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa.
- SALAZAR, António de Oliveira (2002) - *Não Discutimos a Pátria*. Lisboa: Nova Arrancada.
- VICENTE, António Pedro (1994) - Franco em Portugal. O seu Doutoramento *Honoris Causa* na Universidade de Coimbra – 1949. In *Revista de História das Ideias. Do Estado Novo ao 25 de Abril*. Nº 16. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 19-71.
- SNI (1958) - *Um instrumento de Governo – 25 Anos de Acção: 1933-1958*. Lisboa: Secretariado Nacional da Informação.